

SIDNEI BAPTISTA DA SILVA

A IMPORTÂNCIA DO NOVO DOCENTE UNIVERSITÁRIO

São Paulo
2013

RESUMO

Considerando as grandes transformações pela qual vem passando as instituições de ensino superior, com alterações substanciais em seus ambientes sociais, organizacionais e culturais, esta monografia tem por objetivo promover uma reflexão sobre esses novos desafios que esse cenário apresenta, pois vivemos a era do conhecimento baseada na multidiversidade de informações e constantes atualizações tecnológicas. Isso tem trazido incertezas sobre os padrões de ensino anteriormente estabelecidos, é nesse ponto que vamos basear este trabalho. Segundo Morin (2011), O inesperado surpreende-nos. É que nos instalamos de maneira segura em nossas teorias e idéias, e estas não tem estrutura para acolher o novo. Entretanto, o novo brota sem parar. Não podemos jamais prever como apresentará, mas deve-se esperar sua chegada. Nosso Sistema Educativo de formação docente universitária deu prioridade às dimensões cognitivas, às relacionadas com o conhecimento e deixou de lado as dimensões afetivas é por isto necessário atuar de maneira congruente com as finalidades da educação. Os docentes precisam desenvolver as capacidades de aprendizagem da relação, da convivência, da cultura, do contexto e da interação em grupo com a comunidade que envolve a educação, pois ser um professor significará participar na emancipação das pessoas.

Palavras-chave: Docente, Universitário, Ensino Superior, Formação

ABSTRACT

Considering the great transformations for which comes from higher education institutions, with substantial changes in their social, organizational and cultural environments, this monograph aims to promote a reflection on this new challenges that this situation presents, because we live in the era of knowledge based on the multidiversidade of information and constant technological updates this has brought uncertainties about teaching standards previously established. It is at this point that we based this work. According to Morin (2011), the unexpected surprises us is that we have installed in a secure manner on our theories and ideas, and these do not have to accommodate the new structure. However, the new flows without stopping. We cannot predict how ever will, but you must wait for your arrival. Our Educational System of University teacher training gave priority to the cognitive dimensions, the related knowledge and left aside the affective dimensions is therefore necessary to act in a manner congruent with the aims of education. Teachers need to develop the learning capabilities of the relationship, coexistence, culture, and context and group interaction with the community involving education, because being a teacher means participate in the emancipation of the people.

Key words: University teaching, higher education, training

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. JUSTIFICATIVA.....	11
3. OBJETIVOS.....	12
3.1 OBJETIVO GERAL.....	12
3.2 OBJETIVO ESPECÍFICO	12
4. PROBLEMÁTICA	13
5. METODOLOGIA.....	14
6. HIPÓTESE	16
7. REFERENCIAL TEÓRICO.....	17
8. O ENSINO SUPERIOR	19
9. A DURA REALIDADE DO ENSINO SUPERIOR.....	21
10. A NECESSIDADE DA REFORMA DO DOCENTE UNIVERSITÁRIO.....	23
11. O NOVO DOCENTE UNIVERSITÁRIO.....	25
12. PILARES DA FORMAÇÃO DO DOCENTE.....	28
12.1 APRENDER A CONHECER	29
12.2 APRENDER A FAZER.....	30
12.3 APRENDER A CONVIVER.....	31
12.4 APRENDER A SER.....	32

13. EDUCAÇÃO E POSSIBILIDADES	35
14. FORMAÇÃO PARA A VIDA	37
15. EXPECTATIVAS E RESPONSABILIDADES.....	39
16. A QUALIDADE DO PESSOAL DOCENTE	41
17. FUNÇÃO MEDIADORA DO DOCENTE.....	43
18. INFLUÊNCIA DO DOCENTE NA APRENDIZAGEM	45
19. O DOCENTE COMO UM PROFISSIONAL AUTÔNOMO E REFLEXIVO.??.....	47
20. O VÍNCULO ENTRE O DOCENTE E O ALUNO.....	48
21. CONCLUSÃO.....	51
22. REFERÊNCIAS.....	55

1. INTRODUÇÃO

A qualidade do ensino superior depende, além de outros fatores, também da qualidade da formação do docente universitário. Os cursos de bacharelado geralmente tem, em seu quadro docente, profissionais que atuam em sua área de formação, e nem sempre estão preparados para ministrar qualquer disciplina. A docência no ensino superior exige do professor a competência técnica, e o saber teórico inerente à profissão.

O estudante deve adquirir as capacidades para que compreenda os temas técnicos, científicos, sociais e econômicos necessários para que esteja preparado à tomada de decisão e gerenciamento plenos. Desta forma, cabe ao professor a atualização constante no aspecto teórico e prático do ensino, com pesquisas, produções científicas e educação continuada de forma que obtenha o domínio da área tecnológica e pedagógica, tornando o processo de ensino-aprendizagem eficaz. A prática pedagógica deve adequar-se às necessidades de cada disciplina, da realidade social, econômica e histórica dos alunos. Como agente transformador, o docente universitário precisa estar atento às transformações e as novas exigências, preparando seus alunos para o mercado, transmitindo o conhecimento por meio de metodologias que possibilitem que o aluno tenha uma visão sistêmica dos conteúdos ministrados, desenvolvendo um senso crítico e sendo capaz de produzir conhecimentos novos.

Neste sentido, percebe-se que a profissão docente se apresenta hoje como um desafio sem precedentes, talvez até superior aos desafios empreendidos em qualquer outra profissão. Requer que o professor conheça profundamente o campo do saber que pretende ensinar e que seja detentor de necessário senso crítico e conhecimento da realidade que o cerca, para fazer uma análise criteriosa do conteúdo a ser transmitido. Precisa ser suficientemente preparado para, com base neste mesmo conhecimento e amparado na complementaridade da perícia de seus pares, ser capaz de produzir um novo conhecimento, inovando e criando. (VALENTE, 2010).

Segundo Consolaro (2011), só ensina quem sabe, quem tem informações acumuladas. As informações incorporam-se no intelecto depois da reflexão, da análise crítica e de certa dose de sensibilidade com os fatos e buscas de cada dia, por menores ou mais insignificantes que possam parecer.

Desta forma, a metodologia do Ensino Superior deve suprir a necessidade da demanda surgida pelos alunos com relação à organização das informações e também dos professores sobre como fazer o planejamento do conteúdo a ser ministrado, como pensá-lo, organizá-lo, desenvolver e avaliar o processo de ensino aprendizagem de forma que seja uma ação efetiva.

2. JUSTIFICATIVA

Considerando as grandes transformações pela qual vem passando as instituições de ensino superior, com alterações substanciais em seus ambientes sociais, organizacionais e culturais, este trabalho tem por objetivo promover uma reflexão sobre esse novos desafios que esse cenário apresenta, pois vivemos a era do conhecimento baseada na multidiversidade de informações e constantes atualizações tecnológicas isso tem trazido incertezas sobre os padrões de ensino anteriormente estabelecidos, é nesse ponto que vamos basear este trabalho.

Segundo Morin (2011), o inesperado surpreende-nos. É que nos instalamos de maneira segura em nossas teorias e idéias, e estas não têm estrutura para acolher o novo. Entretanto, o novo brota sem parar. Não podemos jamais prever como apresentará, mas deve-se esperar sua chegada. O conhecimento administrativo está imerso numa particular estrutura institucional, conformada por fatores como:

Geração de conhecimento abstrato a partir de experiências reais e entidades organizacionais e destinadas a compreender o funcionamento destas últimas. Fazem parte deste processo não só as universidades e as empresas consultoras em Administração, senão também qualquer organização que tenta estabelecer os padrões exitosos de suas práticas administrativas, formalizá-los e transferi-los de algum modo.

Distribuição do conhecimento abstrato a partir de diversas instâncias como a educação formal universitária ou de outro tipo, a consultoria em capacitação, os congressos profissionais e outras vias de educação não formal. Assim mesmo, são também veículos de distribuição as editoriais e a imprensa especializada.

3. OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Mostrar a importância dos docentes terem conhecimento teórico e prático da matéria a ser ministrada para melhoria da qualidade da aula e aumento na motivação dos alunos, e, a importância da prática ser aprendida pelos futuros profissionais nos bancos escolares. Conscientizar os professores sobre a necessidade de serem detentores de conhecimento teórico e prático das matérias para preparar os seus alunos para o mercado de trabalho.

3.2 OBJETIVO ESPECÍFICO

Esclarecer os professores que precisa transmitir não somente a teoria, mas também a prática preparando o formando para solucionar os problemas quando ingressarem no mercado de trabalho, baseado nesses tópicos, vamos descrever opiniões e reflexões sobre a importância da prática pedagógica, pois alguns professores detém teorias e prática da matéria proposta, mas não tem didática e isso pode ser determinante na formação dos alunos nos dias de hoje, para que possamos compreender e esclarecer esse assunto vamos estabelecer um paralelo entre vários os autores.

4. PROBLEMÁTICA

A formação dos docentes deve acompanhar as mudanças ocorridas na sociedade. Segundo LIBÂNEO (2007, pg.40) Presentemente, ante as novas realidades econômicas e sociais, especialmente os avanços tecnológicos na comunicação e informação, novos sistemas produtivos e novos paradigmas do conhecimento, impõem-se novas exigências no debate sobre a qualidade da educação e, por conseqüência, sobre a formação de educadores. Não cabe mais uma visão empobrecida dos estudos pedagógicos, restringindo-os aos ingredientes de formação de licenciados. Não se trata de desvalorização da docência, mas de valorização da atividade pedagógica em sentido mais amplo, na qual a docente está incluída.

5. METODOLOGIA

Esse trabalho será qualitativo, pois pretende desenvolver uma reflexão acerca da existência, ou não, de um perfil ideal para o docente do ensino superior na qual o mesmo também necessita de teoria e prática em seu processo de formação acadêmica e mais os conhecimentos didáticos específicos de sua área de atuação superando a concepção de que basta competência profissional para assegurar a habilitação e a qualidade para a docência.

Esta, por sua vez, deverá tornar explícitas as raízes teóricas que a definem, como se entende no método o processo de conhecer, ou seja, as relações que unem e opõem ao mesmo tempo um sujeito que conhece e um objeto que se conhece.

A teoria geral do conhecimento, sendo uma expressão conceitual das leis objetivas que regem o conhecimento, implica, sem confundir-se com elas, as leis do pensamento, isto é, a lógica. Também se deve incluir uma conceituação ou teoria do objeto sobre o qual o método se aplicará, sobretudo em referência àqueles aspectos próprios e específicos do objeto que condicionam a elaboração dos passos metodológicos e das técnicas ou instrumentos do método.

A partir de tais conceitos, pode-se descrever o tipo de pesquisa a ser realizada a partir do trabalho aqui proposto como de cunho exploratório, descritivo e explicativo.

Exploratório devido ao seu caráter de expor e explicitar o papel da educação precoce da segurança do trabalho, ao mesmo tempo em que aprofunda as diversas idéias concernentes ao tema.

Descritivo pois agirá também no sentido de descrever as conseqüências de tal ação, em todos os seus vieses e suas influências quanto à formação preventiva.

Explicativo quando, a partir dos dois enfoques anteriores, buscará estabelecer pontes de conhecimento que visem a compreensão máxima permitida em relação ao tema abordado no trabalho aqui proposto.

Este item refere-se ao delineamento da pesquisa. Segundo Gil (2001, p. 70), o delineamento refere-se ao planejamento da pesquisa em sua

dimensão mais ampla, envolvendo tanto a sua diagramação, quanto à previsão de análise.

Ainda segundo Gil (2001, pg. 79) a pesquisa bibliográfica diz respeito ao conjunto de conhecimentos humanos reunidos nas obras. Tem como base fundamental conduzir o leitor a determinado assunto e à produção, coleção, armazenamento reprodução, utilização e comunicação das informações coletadas para o desempenho da pesquisa.

Gil (2001, p. 88), relata alguns pontos que devem ser considerados em uma pesquisa teórica, que será a tipologia utilizada no presente estudo, são eles:

Conhecer profundamente os quadros de referência alternativos, clássicos e modernos, ou os teóricos relevantes;

Atualizar-se na polêmica teórica, sem modismos, para abastecer-se e desentalar-se;

Elaborar com precisão conceitual, atribuindo significado restrito aos termos básicos de cada teoria.

Aceitar o desafio criativo de propor a realidade à fixação teórica para que a prática não se reduza à “prática teórica” e para que a teoria se mantenha em seu devido lugar, como instrumentalização interpretativa e condição de criatividade;

Investir na consciência crítica que se alimenta de alternativas explicativas, do vaivém entre teoria e prática, dos limites de cada teoria. O presente estudo terá uma abordagem feita a partir do método dedutivo que segundo Gil (2001, p.90) é o método que partindo das leis gerais que regem os fenômenos, permite chegar aos fenômenos particulares.

E quanto ao método de procedimento no decorrer do estudo, será feita uma reflexão pessoal e corporativa com base nos documentos adquiridos. As idéias coletadas através dos livros, e internet visam reforçar a suma importância da prática no ensino superior de modo aumentar a qualidade no ensino do país.

6. HIPÓTESE

O mercado de trabalho contemporâneo sempre exige um profissional completo, pleno de conhecimentos teóricos e práticas, e não somente especializado em apenas uma área. Cabe ressaltar neste momento que as capacidades reflexivas coletivas são exigências da formação do conhecimento profissional coletivo com respeito à prática docente e o professor universitário necessita aprender a compreender e interpretar tanto a sociedade como a educação de maneira comunitária. Atualmente, quando o assunto é formação permanente, será que esta pode ser conceituada? Quem é esse profissional? Quais suas capacidades para poder trabalhar no ensino superior? Quais suas fragilidades diante do trabalho de docente e sua formação pedagógica?

A uma primeira vista estas questões parecem simples, mas observando-se mais atentamente, é possível observar que uma grande parcela dos docentes de ensino superior receberam uma formação técnica, não tendo recebido formação profissional de licenciatura e restringindo-se a ser bacharéis em suas respectivas áreas.

A dedicação dos docentes universitários muitas vezes é prejudicada pela atividade do magistério não ser sua atividade principal, mas sim, uma atividade de simples complemento de seus rendimentos, os quais provêm principalmente de suas funções profissionais, o que faz com que não dêem a devida importância para o aspecto didático no processo de ensino aprendizagem

7. REFERENCIAL TEÓRICO

O presente trabalho será desenvolvido com embasamento teórico de vários autores, esses nos ajudaram a compreender como formar um profissional competente, pois o primeiro ensinamento vem da sala de aula através da experiência vivida do docente. Se o docente só tem teoria, que tipo de profissional ele lançará no mercado, visto que é responsabilidade dele o futuro de seus alunos, muito se cobra do professor as relações afetivas com seus alunos, tratando-os com mais humanismo e respeito, e, com isso, o aluno sempre tem o professor como modelo, o mesmo adquirirá esses conceitos e poderá aplicar na sua vida profissional futura, aprendendo a respeitar os seus limites e ser submissos, pois submissão também é uma qualidade muito cobrada dos profissionais desse mundo globalizado.

Segundo Pimenta e Anastasiou (2008, p. 107)

E preciso destacar que, embora o professor ingresse na universidade pelo cargo da docência, ou seja, primeira e essencialmente para atuar como professor, nos seus momentos de aprofundamento no mestrado e doutorado, são poucas as oportunidades que tem para se aperfeiçoar neste aspecto.

Ensinar requer muito mais do que simplesmente dominar o conteúdo a ser ministrado, e percebendo esta fragilidade dos profissionais do ensino superior quanto à maneira de transmitir o conhecimento, e a busca constante pela construção do conhecimento não só dele, mas também do aluno, tem-se notado um acréscimo significativo da preocupação com a formação profissional deste educador e isto é visto no cenário mundial.

Desta forma, algumas competências são necessárias ao docente universitário que deseja obter eficácia em sua prática pedagógica, sendo elas:

Resistência à fadiga: o professor desempenha uma atividade complexa, precisa preparar a aula e, portanto, possuir conhecimento técnico, o que faz com que domine o conteúdo a ser ministrado, assim como as matérias relacionadas ao assunto a ser tratado. Além disso, precisa falar em um tom mais alto que o normal, ficar em pé durante um período longo e ter um domínio do conjunto dos alunos. Todos esses atos realizados pelo professor acabam por desgastá-lo. Um professor fadigado não

conseguirá manter um padrão na relação ensino-aprendizagem, assim como não conseguirá se aperfeiçoar.

Capacidade funcional do sistema respiratório: o professor deve manter uma gradação em seu tom e altura da voz, e não pode falar de modo ofegante, pois tais atitudes poderiam manter um ambiente de desatenção na sala de aula. Note-se que o professor deve sempre alterar o tom, a velocidade, enfim, a forma por meio da qual ele se expressa, para manter a atenção dos seus alunos.

Clareza vocal, acuidade visual e auditiva: o professor deve cuidar para que sua voz seja clara, compreensível e audível. Da mesma forma, ver e ouvir fazem parte da relação ensino-aprendizagem. (BONAT, 2010, p. 46).

Além destas características, o docente universitário, como propagador do conhecimento e propiciador do saber crítico, deve propiciar a seus alunos que construam suas realidades com base em suas experiências e na formação acadêmica. Desta forma, as competências entram em ação, integrando e mobilizando conhecimentos que o indivíduo desenvolve e adquire. Assim, cabe ao docente colocar em relação à representação de problemas a serem solucionados e os conhecimentos específicos necessários para tal, estimulando o raciocínio e intuição, que capacitarão o agir eficaz em determinadas situações.

8. O ENSINO SUPERIOR

Segundo Masetto (1998, p.10) “conhecimentos e experiências profissionais são transmitidos de um professor que sabe e conhece para um aluno que não sabe e não conhece, seguido por uma avaliação que diz se o aluno está apto ou não para exercer aquela profissão”. Além disso, ainda de acordo o autor, conviveu-se até pouco tempo com a seguinte crença: “quem sabe, automaticamente, sabe ensinar”.

Ao mesmo tempo, no sentido de reconhecimento da docência como uma ação complexa que requer saberes específicos, na condição profissional docente “de saber justificar as ações desenvolvidas, recorrendo a uma base de conhecimentos fundamentados a uma argumentação teoricamente sustentada”, buscando superar a visão de que quem sabe, automaticamente, sabe ensinar⁸ e a de que só quem sabe investigar, pode realmente ensinar. (RAMOS, 2010, p. 32).

Desta forma, a sociedade contemporânea exige que um docente universitário tenha capacidades profissionais específicas, assim como a prática da docência e da pesquisa, tornando-se bastante relevante para o ensino superior, uma vez que os professores universitários da atualidade começaram a ter consciência de que a capacitação própria e específica é requisito básico da docência, da pesquisa e da prática de qualquer atividade profissional.

Através do processo docente – educativo, o conjunto de problemas que o estudante conhece e resolve vai sendo sistematizando de acordo com as características comuns que os ordenam e estruturam. Os conceitos, leis e características que se repetem permitem procurar regularidades e generalizando um único sistema com o qual trabalha a política, a qual constitui o objeto de sua atuação. O objeto modificado se converte em conteúdo do processo docente e se caracteriza mediante um modelo onde se destacam seus componentes e relações fundamentais, próprios do Ensino superior.

Embora seja corrente atribuir à Universidade este tipo de criticidade, o próprio modo de produzir conhecimento que está sendo contestado indica a ausência desta característica.

E para superar a tendência da Universidade para se cristalizar em tradições, tal qual critica João Costa (2001), corroboro Zabalza (2004b) quando afirma que “é preciso desaprender, eliminar resquícios, desconstruir práticas, significados e prioridades que fazem parte da tradição institucional”. Para este autor, “desaprender traduz-se na capacidade de ‘desconstruir’ a

situação vigente do sistema, de seus significados e de suas práticas e de 'reconstruí-la' com um novo significado ou com um novo tipo de intervenções, o qual será o conteúdo da aprendizagem". Ou seja, para aprender a pensar e agir em outra lógica é preciso desconstruir a lógica vigente. (RAMOS, 2010, p. 32).

O currículo, se é modelado corretamente, tem um marcado caráter objetivo. Esse modelo deve ser, ademais, o suficientemente flexível e amplo como para permitir uma atuação eficiente e válida num lapso relativamente amplo de tempo posterior à sua graduação ainda nas condições mutantes e dinâmicas da revolução científico - técnica contemporânea ou das mudanças econômicas e sociais que se produzam no país. O objeto de trabalho, ainda que parte dos problemas atuais que se dão na vida social, deve transcender esse marco e projetar-se no tempo.

9. A DURA REALIDADE DO ENSINO SUPERIOR

Pimenta e Anastasiou (2008) afirma que na maioria das instituições de ensino superior, incluindo as universidades, embora seus professores possuam experiência significativa e mesmo anos de estudos em suas áreas específicas, predomina o despreparo e até um desconhecimento científico do que seja o processo de ensino e de aprendizagem, pelo qual passam a ser responsáveis a partir do instante em que ingressam na sala de aula.

Além disto, no atual panorama nacional e internacional, há preocupação com o crescente número de profissionais não qualificados para a docência universitária em atuação. Considere-se, também, o contexto da globalização e da sociedade globalizada que estão a exigir um posicionamento da comunidade universitária sobre essa necessária profissionalização. (BARBOSA, 2009, p. 8).

Há uma preocupação com ensino de qualidade mais do que com educação de qualidade. Ensino e educação são conceitos diferentes. No ensino organiza-se uma série de atividades didáticas para ajudar os alunos a compreender áreas específicas do conhecimento (ciências, história, matemática). Na educação o foco, além de ensinar, é ajudar a integrar ensino e vida, conhecimento e ética, reflexão e ação, a ter uma visão de totalidade. Educar é ajudar a integrar todas as dimensões da vida, a encontrar nosso caminho intelectual, emocional, profissional, que nos realize e que contribua para modificar a sociedade que temos. (MORAN, 2000).

Desta forma, pode-se observar que o nível das aprendizagens atingidas dista muito de ser ideal. As medições realizadas pelas instituições de educação de Ensino superior mostram que existe uma defasagem crescente entre os que certificam os títulos e certificados escolares e os saberes e competências efetivamente incorporados pelos estudantes nos níveis educativos prévios, as aprendizagens variam em função de diversos fatores, em especial em função do nível socioeconômico dos lares dos estudantes.

Tais competências levantadas à docência do ensino superior exigem conhecimento em determinada área, bem como experiência profissional de campo, atualizados constantemente por meio de cursos de aperfeiçoamento,

especializações, congressos, simpósios e envolvimento com a pesquisa. (SANTOS, 2009, p. 19).

A igualdade formal da escola oculta uma profunda desigualdade na qualidade e quantidade de aprendizagens efetivamente conseguidas, tudo parece indicar que quem tem mais capital econômico e cultural tende a apropriar-se em maior medida das formas mais complexas e poderosas do saber.

Neste sentido, lembra Veiga (2001) que a sala de aula é um dos poucos espaços que o professor possui para contribuir no esforço coletivo dos educadores críticos em busca de uma educação capaz de diminuir as desigualdades sociais. Adotando uma metodologia de ensino crítica o professor poderá originar transformações substanciais na educação, visto que uma instituição de ensino acaba por se configurar na forma como os professores se organizam e como pensam e agem. E na perspectiva de querer contribuir para a formação de educandos, que vejam a realidade com espírito crítico, é que o professor deve avaliar permanentemente sua atuação e buscar alternativas transformadoras para aperfeiçoá-la. Em todos os sentidos de seu trabalho educativo, deve atuar para transformar e não para conservar os fatores negativos que interferem no processo de ensino.

As críticas provêm não só dos especialistas em educação, mas também expressam sua insatisfação os alunos, seus pais, os docentes, os diretores e a opinião pública em geral. Percebe-se um descontentamento, um desajuste entre o que a escola oferece e os que os protagonistas esperam dela.

10. A NECESSIDADE DA REFORMA DO DOCENTE UNIVERSITÁRIO

Vasconcelos (1998, p.12) “papel docente é fundamental e não pode ser descartado como elemento facilitador, orientador, incentivador da aprendizagem”.

Uma atenção especial é requerida pela docência do ensino superior às necessidades dos alunos, de forma que sua prática seja norteadada pelo processo de ensino-aprendizagem. A função do docente na atualidade não centra-se mais na racionalidade técnica, mas sim, torna-se de vital relevância que este docente seja também um pesquisador, a partir do momento que a prática da pesquisa lhe traz a criticidade e autonomia necessárias para este cargo. Assim, o professor universitário se torna um protagonista importante no estabelecimento da qualidade dos estabelecimentos de ensino e o benefício social por eles trazidos.

Neste sentido, Barbosa (2011, p. 11) esclarece que a docência universitária constitui tema relevante em diferentes países e, no nosso, só se admite a necessidade de as instituições de Ensino Superior desenvolverem programas de preparação de seus professores para o exercício da docência. Essa preparação deve colocá-los a par da problemática e da complexidade do ensinar e do formar no Ensino Superior, do formar profissionais, do formar pesquisadores e do formar professores. Então, perguntamos: qual o papel da didática na formação de professores?

Desta forma, a universidade surgiu em resposta às necessidades sociais de administração do conhecimento, as quais, ao estar-se modificando substancialmente, demandam uma revisão radical do papel da universidade, a qual, segundo Souza (2011) tem papel importante de apoio institucional e de acompanhamento do docente em sua carreira, enfocando a necessidade de as universidades reconhecerem-se enquanto espaços de formação dos formadores de professores do Ensino Superior e assumirem para si essa tarefa juntamente com eles, esclarecendo as problemáticas que causam ao docente a falta de apoio institucional, além do devido acompanhamento da carreira desse profissional.

Por isto, Moran (2000, p. 14) enfatiza que o ensino de qualidade envolve fatores como:

Uma organização inovadora, aberta, dinâmica, com um projeto pedagógico coerente, aberto, participativo; com infra-estrutura

adequada, atualizada, confortável; tecnologias acessíveis, rápidas e renovadas.

Uma organização que congregue docentes bem preparados intelectual, emocional, comunicacional e eticamente; bem remunerados, motivados e com boas condições profissionais, e onde haja circunstâncias favoráveis a uma relação efetiva com os alunos que facilite conhecê-los, acompanhá-los, orientá-los.

Uma organização que tenha alunos motivados, preparados intelectual e emocionalmente, com capacidade de gerenciamento pessoal e grupal.

Assim, a conjugação de novos fluxos e valores do conhecimento com recursos tecnológicos inusitados constituem o meio de gestação da universidade virtual. O esquema educativo é pedagógico, escolarizado, baseado em disciplinas e alheio à experiência do trabalho. Os mecanismos de adaptação curricular são endemicamente lentos e inflexíveis. A incapacidade de responder aos fluxos econômicos do conhecimento é cada vez mais latente, enquanto se gesta soluções alternativas. Os recursos sociais para as universidades são cada vez mais competidos. Os docentes universitários como conhecemos estão com os dias contados. A partir daí, tem-se a necessidade da reforma, o esquema de administração de conhecimento precisa ser questionado.

11. O NOVO DOCENTE UNIVERSITÁRIO

Pimenta (2008, pg.42) diz que “o grau de qualificação é um fator chave no fomento da qualidade em qualquer profissão, especialmente na educação, que experimenta constante mudança.” Apesar disto, o grau de conhecimento não qualifica um indivíduo ao cargo de docente universitário, pois este deve ter também as competências necessárias para formar pessoas preparadas para o mercado de trabalho de forma consciente e crítica. Desta forma, o docente não deve ser aquele que, segundo Cunha et al. (apud RAMOS, 2010) diz “dormi aluno e acordei professor”, mas sim aquele que sabe pensar, preparar e avaliar as suas ações e a de seus alunos em prol do saber consciente.

Desta forma, cabe frisar que a formação dos professor universitários se torna fundamental para que o ensino seja de qualidade, precisando estes também desenvolver uma identidade profissional, uma vez que a constituição desta tem início no processo de efetivar à formação na área.

Esclarece ainda Barbosa (2011) que estudos mais recentes mostram que ações mais efetivas para a formação docente ocorrem em processos de profissionalização continuada que contemplam diversos elementos, entrelaçando os vários saberes da docência: os saberes da experiência, do conhecimento e os saberes pedagógicos, na busca da construção da identidade profissional, vista como processo de construção do profissional contextualizado e historicamente situado

Desta forma, o tempo passado na universidade já tem a função de preparar e iniciar a profissionalização dos profissionais das diversas áreas do conhecimento. Para definir os resultados da educação é preciso responder se determinadas coisas que nos guiam sobre o fenômeno educativo e qual é a função que apresenta na sociedade.

Neste sentido, Moura (2009) diz que a prática nas disciplinas Didática, Prática de Ensino, Educação de Jovens e Adultos e, principalmente, Metodologia do Ensino Superior, que tem sido a experiência mais recorrente, mostrou a necessidade demandada pelos alunos em disporem de informações organizadas sobre como pensar, planejar, organizar, desenvolver e avaliar o processo de ensino-aprendizagem. Diz o autor que sempre que iniciada à docência da disciplina Metodologia do Ensino Superior nos cursos de Pós-graduação a

expectativa expressa pelos alunos tem sido sempre a mesma: aprender a planejar e a “dar” aulas.

A política de formação continuada não pode limitar-se a enunciar os grandes princípios de pensamento da educação, a educação continuada do docente está imersa num contexto social determinado, em condições próprias de um país, estado ou comunidade, portanto, para definir as finalidades da formação docente é obrigado fazermos algumas perguntas fundamentais tais como: Quem define os conteúdos da educação? O que vai ensinar?: A autoridade política, a sociedade, os docentes? Que se transmite?: Conhecimentos, habilidades, atitudes, valores?, Como se avalia a educação? Quem são os destinatários da educação formadora do docente? Em si poderíamos resumir numa só pergunta: Quais são os fins da educação?

Estas são perguntas que precisam ser respondidas de forma adequada pois, segundo Ramos (2010), a atenção à docência decorre de uma demanda de docentes por um conhecimento que lhes permita ultrapassar uma situação de despreparo para o exercício docente universitário, resumida, por Cunha, Brito e Cicillini (2006 apud RAMOS, 2010, pg.14) na frase “dormi aluno(a) e acordei professor(a)”. Guardando os devidos limites - por ainda ser uma manifestação pontual – o autor interpreta este fato como indicativo de um movimento de busca de suporte para uma reconfiguração de saberes e de fazeres, no contexto da docência universitária.

Levando-se em consideração que os pontos levantados podem auxiliar no entendimento, análise e tomada de decisão crítica frente aos objetivos da formação e do aprimoramento do docente universitário que são oferecidos de maneira oficial por organismos locais e até mesmo internacionais, uma vez que conhecendo-se a respostas das indagações anteriores, é possível afirmar que a educação ocorre do ser humano, pelo ser humano e para o ser humano, ou seja, é um processo puramente antropológico.

O exercício da ambiguidade, segundo Fazenda (2008), remete-nos inexoravelmente à questão da diversidade, da necessidade de recuperação de concepções unilaterais e disciplinares de educação, que felizmente parecem, hoje, ocupar um lugar marginal nas discussões sobre o tema. Uma visita atenta às mais significativas produções na área aponta-nos o papel antropológico da educação

como ciência multifocalizada e pluridimensionada, em que a perspectiva da diversidade é requerida pela multiplicidade das perspectivas particulares.

Desta forma, os propósitos precisarão levar em conta as dimensões humanas e estimular o seu crescimento e desenvolvimento, exigindo ainda mais empenho do docente universitário, uma vez que todo conhecimento agregado deste, mesmo que de forma inconsciente, será transmitido a seus alunos, seja de maneira presencial ou através de novos moldes de comunicação à distância. Desta forma, analisar o propósito da educação do docente leva-nos a levar em consideração elementos próprios do ser humano, tais como: moral, cultura, tradições o que é esperado da sociedade educativa, etc.

Em suma, a qualificação moral da técnica está vinculada à utilização que dela se faz. Ter o domínio das técnicas, das tecnologias educativas e dos métodos é uma prerrogativa daqueles que professam o ser professor. O que ensinar tutora o como ensinar, mas a recíproca também é verdadeira, não podendo, contudo, sobrelevar-se ao que ensinar, pelo menos enquanto não soa a hora final do professor. (VEIGA, 2005).

12. PILARES DA FORMAÇÃO DO DOCENTE

O homem é acompanhado, desde a mais tenra idade intelectual, pelo processo educacional, o qual causa inquietação no processo de significação do espaço e na construção de caminhos e possibilidades. Existe uma vasta gama de possibilidades na formação educacional do indivíduo, desde as correntes filosóficas e pedagógicas edificadas no decorrer da história com o objetivo de trazer respostas aos problemas educacionais referentes à emancipação social do ser humano. Discutem-se muito as novas correntes pedagógicas denominadas de interdisciplinares, multidisciplinares e transdisciplinares, as quais são problematizadas e questionadas como possíveis meios de educação e de propiciadoras de múltiplos saberes. (DELORS, 2003).

Neste sentido, com relação à formação da equipe, foi manifestado, nos depoimentos analisados por Broilo (2006) que, em termos de perfil para atuar nesse campo interdisciplinar e transdisciplinar, é necessário uma equipe formada por pessoas que vão além do conhecimento do seu curso. Esse setor tem que contar com alguém que conheça profundamente a questão da Ciência da Educação, do ensino, da aprendizagem, que se envolva também com as questões de metodologia e multimídia. Esse campo educacional é especialmente objeto de estudo da pedagogia, devendo ser considerada essa especificidade. Considera ainda que, nesse sentido, de forma nenhuma, a universidade deverá descartar o trabalho que vem sendo desenvolvido pelo setor pedagógico. (BROILO, 2006).

Existe uma preocupação por parte de organizações mundiais em se definir a finalidade da preparação docente. Desta forma, no ano de 2003 foi firmada de forma oficial e financiada pela UNESCO a Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI, presidida por Jacques Delors e outros 14 eminentes colaboradores de reconhecido prestígio internacional, a qual se dedica integralmente na proposição de soluções para o aprimoramento da educação atual.

Esta comissão, segundo Moran (2000), aponta como principal consequência da sociedade do conhecimento a necessidade de uma educação continuada, onde a aprendizagem ao longo da vida enseja superar a visão de terminalidade que era atribuída aos cursos, em especial aos de graduação nas faculdades e universidades.

Dentro desta realidade educacional, onde o acesso unilateral ao conhecimento normalmente é privilegiado pelos sistemas educativos formais em prejuízo de formas de aprendizagens mais eficazes, é que Jacques Delors sugere que o homem seja pensado em todos os planos do processo de desenvolvimento, de forma que o sujeito seja educado como um todo.

Delors (2004) argumenta que existem quatro pilares sobre os quais descansa a educação em sua tarefa de formar e educar os estudantes e são:

12.1 APRENDER A CONHECER

Aprender a conhecer e a pensar é fundamental num mundo fortemente marcado por muitas informações e pouco conhecimento, descrevendo Delors (1998, p. 91):

Este tipo de aprendizagem que visa não tanto à aquisição de um repertório de saberes codificados, mas antes ao domínio dos próprios instrumentos do conhecimento pode ser considerado, simultaneamente, como meio e como finalidade da vida humana. Meio, porque se pretende que cada um aprenda a compreender o mundo que o rodeia, pelo menos na medida em que isso lhe é necessário para viver dignamente, para desenvolver as suas capacidades profissionais, para comunicar. Finalidade, porque seu fundamento é o prazer de compreender, de conhecer, de descobrir.

Neste ponto Delors diz respeito ao propósito da escola, que é o de mesclar uma cultura geral e suficientemente abrangente com um possível trabalho transdisciplinar, cujos conteúdos seriam vistos com maior profundidade a partir da conhecida realidade do aluno. Isto significa “aprender a aprender”, em prol das oportunidades trazidas pelo processo educacional no decorrer de toda a vida, sem obscurecer-se pelas ditas “verdades prontas e acabadas”. Desta forma, propicia a compreensão melhor do mundo através do aprendizado, de forma suficiente para que se viva com dignidade, comunique-se com os outros através de uma cultura ampla o suficiente e com a possibilidade de aprimorar os próprios conhecimentos em um número reduzido de matérias, pressupondo o aprender a aprender de forma que se aproveite a possibilidades oferecidas pela educação no decorrer da vida.

Com essa visão enfatiza-se ter prazer em descobrir, em investigar, em ter curiosidade, em construir e reconstruir o conhecimento e o Aprender a conhecer implica aprender a aprender, compreendendo a aprendizagem como um processo que nunca esta acabado. A pesquisa como princípio educativo torna-se

relevante, pois o aprender a aprender supera a “decoreba”, a cópia e a imitação. (MORAN, 2000).

Os métodos de aprendizagem e as reformas educativas futuras devem inspirar-se nesta perspectiva, tanto no nível de novas políticas pedagógicas como na da elaboração de programas (CAMPOS, 2007, p. 59) pois, conforme explica Moran (2000, p. 79),

Aprender a decorar um volume infindável de informações tornou-se tarefa de questionável valor, uma vez que pela produção veloz com que os conhecimentos vêm sendo apresentados e renovados eles tendem a envelhecer rapidamente. A visão ingênua do professor que julga ensinar tudo aos alunos sobre sua disciplina passou a ser impraticável, pois o universo das informações se estendeu e se ampliou. Portanto, mais que apresentar e decorar conteúdos os alunos precisam aprender a acessá-los, a pensar e refletir sobre eles.

O aluno precisa ser instigado a buscar o conhecimento, a ter prazer em conhecer, a aprender a pensar, a elaborar as informações para que possam ser aplicadas à realidade que está vivendo. No processo de produzir conhecimento toma-se necessário ousar, criar e refletir sobre os conhecimentos acessados para convertê-los em produção relevante e significativa.

12.2 APRENDER A FAZER

Delors apresenta o segundo pilar: *aprender a fazer*. Neste, diz que a aprendizagem é indissociável do aprender a conhecer e recomenda:

Aprender a fazer não pode, pois, continuar a ter o significado simples de preparar alguém para tarefa material bem determinada, para fazê-lo participar no fabrico de alguma coisa. Como consequência, as aprendizagens devem evoluir e não podem mais ser consideradas como simples transmissão de práticas mais ou menos rotineiras, embora estas continuem a ter um valor formativo que não é de desprezar. (DELORS, 1998, p. 93).

O aprender a fazer não somente com o intuito de obter somente uma qualificação profissional técnica, mas de uma forma mais abrangente aprimorar as competências e potencialidades de forma que o indivíduo se torne apto a enfrentar as adversidades de situações a que estará sujeito, sendo capaz de trabalhar também em equipe. Aprendendo também a fazer na esfera das inúmeras experiências de trabalho ou sociais que se apresentem aos jovens e adolescentes como oportunidades de aprimoramento do ensino intercalado com o trabalho conduz ao sucesso profissional e pessoal.

É a preparação do ser humano para uma função material pré-estabelecida, para que tome parte na construção de algo, o que se prioriza de forma substancial no enfoque da atual instrução, uma vez que a educação por competências é baseada exatamente neste pilar, fomentando também as dimensões restantes. Os docentes precisam tomar cuidado de não superestimar esse aspecto, uma vez que o equilíbrio é algo necessário ao desenvolvimento das potencialidades humanas como um todo.

Trata-se, segundo Moran (2000), de ir além da tarefa repetitiva, do ato de repetir o que está feito, mas sim de buscar o fazer na criação com criticidade e autonomia. Como consequência, o aprender a fazer vem coligado com o desenvolvimento de aptidões que levam a pessoa a atuar na sua profissão com mais competência e habilidade. Segundo Gadotti (apud MORAN, 2000, p. 80),

[...] a substituição de certas atividades humanas por máquinas acentuou o caráter cognitivo do fazer. O fazer deixou de ser puramente instrumental. Nesse sentido vale mais hoje a competência pessoal que torna a pessoa apta a enfrentar novas situações de emprego e a trabalhar em equipe do que a pura qualificação profissional.

Ou seja, é defendido por este pilar que ao invés de se obter qualificação pessoal (habilidades), é preciso obter-se competências pessoais como as de trabalhar em equipe, relacionar-se, tomar decisões, estabelecer sinergias, desde a educação básica até as de nível superior.

12.3 APRENDER A CONVIVER

No relatório de Delors a dimensão ética está no aprender a conviver (ROCHA FILHO, 2007), e diz:

O aprender a conviver: refere-se às habilidades e atitudes que permitem ao indivíduo conviver bem com outras pessoas, em um cenário em que os trabalhos, cada vez mais complexos, exigem a atuação profissional em equipes interdisciplinares para a solução de problemas. (DELORS, 1996 apud MULLER, 2012, p. 76).

Desta forma, deve-se aprender a conviver ou viver juntos, desenvolvendo a compreensão do outro e a percepção das interdependências e realizar projetos comuns é preparar-se para gerir conflitos no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz social do processo educativo, propõe a diversidade como um elemento necessário, como uma riqueza que tem de ser tratada adequadamente para igualar (em sentido de equidade) a todos e assim

evitar conflitos, propõe a questão da empatia. Entender que o outro tem razões tão justas como as suas para discordar, desenvolvendo o entendimento do outro e a percepção das formas de interdependência. É aqui onde o trabalho grupal toma importância, pois a sociedade moderna precisa de pessoas que saibam trabalhar em equipe, realizar projetos comuns e preparar-se para tratar os conflitos respeitando os valores de pluralismo, entendimento mútuo e a paz.

12.4 APRENDER A SER

Aprender a ser, para melhor desenvolver a sua personalidade e estar à altura de agir com capacidade cada vez maior de autonomia, de discernimento e de responsabilidade pessoal, possibilitando que o indivíduo cresça, desenvolva-se vivendo em harmonia. (DELORS, 2003).

Para isso, não negligenciar na educação nenhuma das potencialidades de cada indivíduo: memória, raciocínio, sentido estético, capacidades físicas, aptidão para comunicar-se (DELORS, 2003, p. 244), assim se constrói um ser integral que se percebe em sua inteira totalidade e não de maneira fragmentária. É de suma importância educar o sujeito como de fato sujeito em toda a sua inteireza, pois estaremos preparando-o para ser de fato uma pessoa capaz de se compreender e compreender a sua realidade social. (SANT ANA, 2012)

Diz respeito ao desenvolvimento máximo e total que cada indivíduo é capaz, propondo a necessidade que cada um precisa estar em condições de possuir um pensamento crítico e autônomo na elaboração do próprio juízo, determinando por si só que atitudes tomar nas diversas circunstâncias da vida, momento no qual o sentido crítico, a auto-análise e a reflexão adquirem relevância no aprimoramento do aluno como indivíduo, não apenas como um produto da sociedade consumista, mas passando a ser uma pessoa com pensamentos próprios.

Um elemento decisivo no rendimento do aluno é o ambiente da escola. O reporte não dá para entrar em detalhes, mas seguramente se considera que as condições materiais, a equipe, as relações entre professores, o espírito de trabalho da instituição, tudo isso afeta o desenvolvimento escolar do aluno e conseqüentemente sua aprendizagem. Na mesma linha de valoração se tem a formação do professor, seu compromisso e o ganho de seus alunos, o interesse que

apresenta ante as características sociais e particulares da cada educando, a forma como apóia os processos de aprendizagem individuais.

Ou seja, estes quatro pilares: aprender a ser, a fazer, a viver juntos e a conhecer são constitutivos indispensáveis da aprendizagem e que devem ser empregados permanentemente pelas políticas educacionais de todo o mundo, pois a viabilidade da educação está diretamente relacionada a uma educação integral do indivíduo, dirigida à sua totalidade e não somente aos seus componentes individuais.

Além destes quatro pilares encadeados por Delors, Meister (2005 apud MULLER, 2012, p. 77) define as novas competências como a soma de qualificações, conhecimento e "conhecimento implícito", necessários para desempenhar as suas funções e que são à base da capacidade de empregabilidade do indivíduo:

Aprender a aprender, capacidade analítica, de questionamento e pensamento criativo, como uma forma natural de agir no ambiente organizacional, para a aplicação do conhecimento diante do surgimento de novos desafios.

Comunicação e colaboração: habilidades pessoais de saber ouvir e comunicar de forma eficaz, e trabalho em equipe, colaborando e compartilhando conhecimento com qualquer membro da cadeia de valor.

Raciocínio criativo e resolução de problemas: capacidade de descobrir sozinho novas formas de tornar o trabalho eficiente e eficaz, por meio do raciocínio crítico.

Conhecimento de negócios globais: compreensão do quadro global, por ele ser um ambiente imprevisível e volátil, preparando-se para enfrentar as situações adversas.

Desenvolvimento de lideranças: todos devem ser encorajados a ser um agente de mudança, buscando melhorias e comprometimento dos demais membros da equipe.

Autogerenciamento da carreira: cada um deve assumir o controle de sua carreira, gerenciando o próprio desenvolvimento.

A educação desempenha, portanto, papel crucial no processo de comunicação e de construção social. Ela precisa ser libertária (lembrando o

educador Paulo Freire, em *A Pedagogia do Oprimido*) para permitir aprendizagem permanente e envolve o conhecer, o fazer, o ser, o conviver, numa constante abertura para o aprender a aprender.

13. EDUCAÇÃO E POSSIBILIDADES

Segundo Luck (2007), o termo “educação” tem uma enorme gama de possibilidades para as inúmeras áreas do conhecimento e é um assunto que está sempre em palta nos discursos políticos, sociais ou mesmo privados, preocupando-se com o integral desenvolvimento do ser humano. Desta forma, a educação é uma real necessidade e que necessita ser melhor entendida para que represente um efetivo meio de aprimoramento. Assim, a educação é definida por Abbagnano como:

A transmissão e o aprendizado das técnicas culturais de uso, que são as técnicas de uso, produção e comportamento, mediante as quais um grupo de homens é capaz de satisfazer as suas necessidades, proteger-se contra a hostilidade do ambiente físico e biológico e trabalhar em conjunto de modo mais ou menos ordenado e pacífico. (ABBAGNANO, 2003, p. 305 apud SANT ANA, 2012, p. 1).

Sem sombra de dúvidas a educação é um dos meios principais que propiciou a evolução do ser humano, através da melhor compreensão do ambiente e seus inúmeros aspectos, despertando a curiosidade intelectual e estimulando o senso crítico, permitindo compreender o real, através da aquisição da capacidade de discernir com autonomia. (DELORS, 2003).

Neste contexto entra o método intuitivo que, segundo Veiga (2005) é um método diferente do tradicional, que é de caráter verbal, está assentado nos sentidos, contemplados como sustentáculos para o desenvolvimento do ensino, pois se trata de potencializar a faculdade da intuição que busca discernir independentemente do raciocínio e da análise.

Esse processo contínuo de evolução favorece a formação do sujeito, que absorvendo o que está posto, passa-o pela consciência da práxis educacional é então, capaz de ressignificar e melhorar seu espaço, pois conhecer é também a atitude transformadora por onde passa o saber. (SANT ANA, 2012, p. 1).

Desta forma, tem-se a prática pedagógica crítica, a qual se traduz, segundo Veiga (2008), por um trabalho a ser realizado pelo professor e pelo aluno, atuando de acordo com um objetivo comum e implica na presença do sujeito crítico capaz de desenvolver uma prática pedagógica que procura, de um lado, superar a relação pedagógica autoritária, paternalista e, de outro, busca uma ação recíproca entre professor e aluno.

Significa uma prática pedagógica que possibilita ao futuro professor conhecer a importância social de seu trabalho, bem como o significado social de sua

marginalização. Daí a necessidade de se preparar o futuro professor consciente tanto de sua missão histórica, de suas finalidades, da estrutura de sociedade capitalista, da função da escola nessa sociedade, como das condições objetivas de trabalho e possibilidades objetivas de transformação. (VEIGA, 2008)

A prática pedagógica reflexiva pressupõe, portanto:

- o vínculo da unidade indissolúvel entre teoria e prática, entre finalidade e ação, entre o saber e o fazer, entre concepção e execução;
- ou seja, entre o que o professor pensa e o que ele faz;
- acentuada presença da consciência;
- ação recíproca entre professor, aluno e a realidade;
- uma atividade criadora (em oposição à atividade mecânica, repetitiva e burocratizada);
- um momento de análise e crítica da situação e um momento de superação e de proposta de ação. (VEIGA, 2008, p. 20).

Nota-se que construiu-se no decorrer da história humana um espírito crítico que busca fazer a vida humana algo melhor, no tocante ao seu aperfeiçoamento, seja da desmaterialização do trabalho e de suas técnicas, seja das inúmeras maneiras que o gênero humano se desenvolveu, com objetivo de melhorar suas condições de vida através da mudança educacional e construção de novas possibilidades e caminhos.

Possibilidades e caminhos dizem respeito a amplas propostas que não tem o propósito de diminuir as possibilidades da vida humana à uníssonas unilateralidade que prende seus potenciais, mas sim mostrar novos caminhos para que se construísse a partir da práxis conscientes perspectivas e possibilidades.

14. FORMAÇÃO PARA A VIDA

A preparação do ser humano para a vida é prepará-lo para ter a autonomia necessária através da consciência de si mesmo e, a partir disto, tornar-se um cidadão capaz de construir um mundo melhor. A formação para a vida é feita através de instrumentos empregados em prol do aprendizado consciente. A educação está vinculada à vida humana e, desta forma, falar de si é falar de educação.

A educação deve ter como objetivos o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Todo o trabalho desenvolvido pelo professor e pela instituição de ensino deve estar pautado nesses objetivos, dos quais o ensino não pode estar desvinculado (BONAT, 2010).

Assim, a passagem de uma elaboração do espírito crítico e questionador que é peça fundamental para se criar um mundo melhor para uma práxis consciente se dá na maturidade do sujeito que foi educado para dizer de si e fazer suas escolhas sendo capaz, livre e autonomamente construir e significar seu mundo. Educa-se para a vida, para a vida saborear que se diz e traduz na realidade do ser educando e do ser educando educador. Esse é o papel do educando educador aquele que não está pronto e acabado, mas que continua sempre a aprender e que foi instruído e instrumentalizado não para “dar o peixe, mas ensinar a pescar”.

Portanto, ao planejar sua atividade docente, o professor deverá sempre ter em mente que a meta a ser alcançada é composta por esses objetivos. O pleno desenvolvimento da pessoa abrange tanto requisitos técnicos como pessoais, ou seja, formar o ser humano em todas as suas qualidades. A cidadania não se resume à possibilidade de participar ativa e passivamente das decisões políticas do Estado, ou seja, podendo votar e ser votado. Atualmente, vislumbra-se uma abrangência maior para esse conceito: ele engloba também a possibilidade de participar de todos os atos sociais ou estatais. (BONAT, 2010).

Para Delors (2003, p. 97), a educação deve ser um instrumento de contribuição para o total desenvolvimento do ser humano em todos seus aspectos, sejam eles de espírito, inteligência, corpo, sentido estético, sensibilidade, espiritualidade e responsabilidade pessoal. Todo indivíduo precisa ser preparado,

fundamentalmente através da educação que recebe desde a infância, para que tenha condições de utilizar-se de pensamentos críticos e autônomos na formulação de seus próprios juízos de valor, de forma que possa decidir por si própria que ações tomar nas diversas circunstâncias da vida.

O papel da educação é fundamental na tarefa de atribuir aos indivíduos à liberdade de discernimento, pensamento, imaginação e sentimento, necessárias para aprimorar seus talentos, potencialidades e tesouros, possibilitando-lhes permanecer o máximo possível donos de seu próprio destino.

Os objetivos educacionais expressam, portanto, propósitos definidos explícitos quanto ao desenvolvimento das qualidades humanas que todos os indivíduos precisam adquirir para se capacitarem para as lutas sociais de transformação da sociedade. O caráter pedagógico da prática educativa está, precisamente, em explicitar fins e meios que orientem tarefas da escola e do professor para aquela direção. Em resumo, podemos dizer que não há prática educativa sem objetivos.

15. EXPECTATIVAS E RESPONSABILIDADES

Os professores, quando chegam à docência na universidade, trazem consigo inúmeras e variadas experiências do que é ser professor. Experiências que adquiriram como alunos de diferentes professores ao longo de sua vida escolar. Experiência que lhes possibilita dizer quais eram bons professores, quais eram bons em conteúdo, mas não em didática, isto é, não sabiam ensinar. Formaram modelos “positivos” e “negativos”, nos quais se espelham para reproduzir ou negar. (PIMENTA e ANASTASIOU, 2008:79)

Este ganho numa educação baseada numa orientação e desenvolvimento de habilidades de pensamento, requer uma integração de saber, habilidades, atitudes, responsabilidades e reflexão sobre a aprendizagem. "Conquanto o entendimento, o profissionalismo e a dedicação que se exige dos docentes fazem com que recaia sobre eles uma árdua responsabilidade. É muito que se pede e as necessidades que têm de satisfazer parecem quase ilimitadas" Mas também este processo de construção exige que os docentes como profissionais da educação assimilem uma nova cultura acadêmica onde se promova esta nova sociedade global que foi provocada pelo crescimento democrático e o avanço da ciência e a tecnologia.

O docente com esta visão requer formar-se num âmbito onde a atualização seja tomada como uma disciplina que implique no desenvolvimento de habilidades para a busca e planejamento dos conteúdos do programa; à postura das intenções de aprendizagem; ao desenho de projeto de investigação e à oportunidade de participar em congressos, foros ou simpósios para confrontar idéias ou propostas que contribuam para seu processo de formação. Ensinar: uma arte e uma ciência. (SOARES, 1996)

Neste processo existe ainda o fator tecnológico, onde diversas ferramentas modernas podem ser empregadas em prol de um ensino superior de qualidade. Neste sentido explica Moran (2000) que há uma expectativa de que as novas tecnologias nos trarão soluções rápidas para o ensino e sem dúvida as tecnologias nos permitem ampliar o conceito de aula, de espaço e tempo, de comunicação audiovisual, e estabelecer pontes novas entre o presencial e o virtual, entre o estar juntos e o estarmos conectados a distância. Mas se ensinar dependesse só de tecnologias já teríamos achado as melhores soluções há muito

tempo. Elas são importantes, mas não resolvem as questões de fundo. Ensinar e aprender são os desafios maiores que enfrentamos em todas as épocas e particularmente agora em que estamos pressionados pela transição do modelo de gestão industrial para o da informação e do conhecimento.

16 . A QUALIDADE DO PESSOAL DOCENTE

Instrumentalizarem seus alunos para o exercício profissional em determinado campo de atuação, devem voltar-se, para que consigam atender à demanda de um mercado altamente flexível e ágil tecnologicamente falando, á formação de indivíduos capazes de, com rapidez, originalidade e eficiência, adaptarem-se às necessidades de cada momento, com visão crítica do meio no qual estarão atuando e com ciência da sua própria responsabilidade, não apenas como profissionais, mas também como cidadãos. (VASCONCELOS, 2000:26)

"Para quase todos os alunos, sobretudo os que ainda não dominam os processos de reflexão e de aprendizagem, o maestro segue sendo insubstituível" Conquanto como diz o professor Jarques Delors "O trabalho do docente não consiste tão só em transmitir informação, nem sequer conhecimentos, senão apresentá-los em forma de problemática." Muitos docentes pensam que ensinar é transmitir e ditar os conteúdos tal como estão sem necessidade de analisá-los, observa-se que os alunos estão marcados ou estão formados já desta maneira, quando se dão classes diferentes e eles mesmos sofrem para analisar e compreender, e vinculá-los com sua realidade. Diz-se que a qualidade da educação requer qualidade do pessoal docente. Mas educar no contexto atual representa propiciar que o estudante mantenha uma estreita relação com a sociedade, com a cultura e que desenvolva suas capacidades para saber fazer mas há que ter em conta que esta definição é vazia se não se compreende profundamente desde que plataforma se quer educar. (GNERRE, 1995) Conquanto ensinar e educar é uma arte e uma ciência há que ter em conta que não é o mesmo processar informação que compreender significados, um macaco pode aprender tão só de um computador, já uma pessoa precisa primeiro do outro ser humano e depois quiçá do computador . Assim então ensinar é formar configurar-se em aprender de nossos semelhantes, descobrir experiências exemplos, valores acompanhar-se de um sentido de vida e de aspiração a uma sociedade melhor, isto é, ir adquirindo uma dimensão humana.

BAGNO (2007, pg. 113) "O rápido aumento da população escolar mundial teve como conseqüência a contratação em massa de docentes. Esta contratação teve que se fazer com freqüência com recursos financeiros limitados e nem sempre foi possível encontrar candidatos qualificados."

Isto nos leva uma realidade totalmente oposta ao que se pensa que as escolas contratam a pessoas sem amor ao que se dedicam e, obviamente, também não contam com a mínima formação acadêmica ou profissionalização e conseqüentemente, sem idéia para parar-se frente a um grupo.

17. FUNÇÃO MEDIADORA DO DOCENTE

Tem crescido entre os professores o entendimento de que o papel da instituição escolar é o de proceder à mediação reflexiva entre as transformações sociais concretas e os indivíduos, entre o que está acontecendo na sociedade como um todo e os indivíduos, os alunos, aqueles que estão na escola. (PIMENTA e ANASTASIOU, 2008:78)

Desde há duas décadas, vêm-se tempos de crises e convulsões sucessivas no mundo. Não só houve uma decomposição das forças ambientais, sociais e políticas, senão também uma série de inovações científicas e tecnológicas, apoiadas com a aparição de novos blocos econômicos. Estas mudanças, além de estar modificando substancialmente toda nossa cotidianidade, criaram demandas de todo tipo, sobretudo no social e cultural, mas mais especificamente no educativo, que a seguir será ressaltado. As vertiginosas modificações da sociedade atual exigem uma maior capacidade de adaptação dos seres humanos, e a palavra "mudar" incomoda a alguns, pois a mesma implica em uma quantidade considerável de esforço e dedicação e uma resistência superior para não sucumbir às pressões e estresse que se derivam da agitada vida moderna. Neste contexto, surgem as perguntas: Que rumo deve seguir a educação em nossos dias? Qual deve ser o perfil do educador ou educadora? Hoje a função mediadora do docente e a intervenção educativa, implica ter uma atitude inovadora e positiva dia após dia, já que o único que permanece é a mudança, convertendo os grandes pilares da educação em ações concretas nas salas de aula, brindando aos alunos espaços para pensar e ser críticos e criativos, onde não somente importe saber mais senão descobrir que podemos viver melhor com menos coisas, que interessa mais cultivar a pessoa, o "ser" que o "ter", concebendo um estilo de vida mais humano centrado na qualidade das relações e na solidariedade mais do que no individualismo competitivo que prevaleceu até este momento.

(SOARES, 1996) Quando falamos de educação e que o docente deve ser melhor, sempre pensamos na escola ou numa instituição.

No entanto, hoje devemos fazer perguntas como: a quem corresponde a educação? Quem educa? É responsabilidade de todos? Analisando diversos conceitos, todos têm em comum o processo (não tem fim) de aperfeiçoamento do homem e a sociedade e ser o meio para atingir as metas do ser

humano. Portanto, a educação é uma responsabilidade compartilhada em que intervém a pessoa, a família, a escola e a sociedade que exige compromissos e participação de todos. A família é a influência mais forte na educação, a primeira instância educadora, onde a criança aprende o que vive através do exemplo, queiramos ou não, conscientes ou não, o pai e a mãe ocupam um papel de transmissores de valores.

18. INFLUÊNCIA DO DOCENTE NA APRENDIZAGEM

Conhecer é mais do que obter informações. Ou seja, analisar, organizar, identificar suas fontes, estabelecer as diferenças destas na produção da informação, contextualizar, relacionar as informações e a organização da sociedade, como são utilizadas para perpetuar a desigualdade social (PIMENTA; ANATASIOU, 2008, p.100).

Neste contexto é que entra a prática pedagógica reflexiva, cuja característica principal é, segundo Veiga (2008), o não rompimento da unidade entre teoria e prática, tendo um caráter criador e também, como ponto de partida e de chegada, a prática social, que define e orienta sua ação. Procura compreender a realidade sobre a qual vai atuar e não aplicar sobre ela uma lei ou um modelo previamente elaborado. Há preocupação em criar e produzir uma mudança, fazendo surgir uma nova realidade material e humana qualitativamente diferente. É criativa, enquanto “capaz de produzir um novo homem, uma nova sociedade, uma nova realidade histórica, uma nova visão de mundo que, incorporada ao educando, o impulsiona a ser um cidadão.

O que faz uma pessoa representa uma imagem forte em outra. É importante recalcar a importância de fazer ver ao docente que como concebe o conhecimento que ensina? Que papel concede a si mesmo em relação com a experiência do que aprende? Como se apresenta ao aluno, que recursos lhe concede e que limitações identificou nele? Como quantifica e qualifica a posição e significação do conhecimento em seus alunos? Mas o docente não somente tem esse papel, mas tem que ser um guia pela sua própria pessoa, isto é, um guia moral, porque ele é uma peça fundamental no processo educativo para conduzir as mentes das crianças e jovens a horizontes mais amplos.

Por isso deve profissionalizar-se em seu labor e ser eficiente. Sua tarefa não termina na sala de aula, mas deve estabelecer uma relação direta e comprometida com a família para consolidar a aprendizagem. Por outra parte, "se deve ver que o conhecimento do docente, em sua qualidade profissional do ensino, é de índole experiencial".

No processo ensino-aprendizagem é aprovada por um processo paralelo e contínuo denominado avaliação, por meio do qual o aluno e o professor identificam se atingiram os objetivos propostos. Mas neste processo complexo, as

provas de qualquer tipo, são somente procedimentos ocasionais, porque na realidade, o comportamento do estudante para a solução dos problemas se fazem patentes nas discussões em classe, na participação, na lição e em outras muitas atividades; quando o processo é permanente, o estudante cuida de si mesmo e valoriza os resultados de seu próprio esforço, mas as opiniões que lhe dão seus colegas e maestros lhe facilitarão valorizar com maior acerto e grau de afetividade o resultado de suas ações.

19. O DOCENTE COMO UM PROFISSIONAL AUTÔNOMO E REFLEXIVO.??

Desde a perspectiva histórica, ressalta-se que a maior parte da investigação e as tentativas da formação docente no âmbito da relação educativa, centra se numa concepção limitada do que é o ensino eficaz ou eficácia docente. Diz-se que (um bom docente é um profissional independente, isto é, um profissional reflexivo). Nosso país exige atualmente docentes cada dia melhor preparados, para que o ensino renda os frutos adequados. O docente não deve ser um funcionário que aplica os planos e programas de estudo sem sentido e sem reflexão, nem o docente tem que os apresentar como problemas, daí que se voltará num docente experiente e num profissional bem sucedido desde que seja: Dinâmico, Estratégico, Auto-regulado e Reflexivo.

A experiência prática do docente deve conduzir a programas bem mais orientados ao campo de aplicação profissional em questão, o docente deve conduzir à reflexão e às tutorias fazendo-as peças principais. A formação do docente é um dos objetivos prioritários das reformas educativas, organizando-as de forma que exista uma continuidade entre formação inicial e permanente, conquanto seja verdadeiro que ainda há quem considera que a pessoa que está preparada para falar, escrever ou pesquisar sobre um tema também o está para ensiná-lo a outros, também é verdade que desde a formação universitária do docente, faz tempo que se propõe a necessidade de formar profissionais competentes que, além de serem bons conhecedores de sua matéria, sejam capazes de reflexionar sobre sua didática, de tomar decisões oportunas sobre a proposta de sua matéria na sala de aula e de dar respostas adequadas a situações educativas e imprevisíveis.

20. O VÍNCULO ENTRE O DOCENTE E O ALUNO

O ponto de partida de qualquer discussão sobre o papel do docente na formação de estudantes, deve partir da análise dos próprios recursos que o professor contribui como sujeito —sua história pessoal—, das histórias dos sujeitos que interagem com ele —os alunos—, da história que constroem na sala de aula e das condições sócio históricas em que se desenvolve a aventura do processo educativo. Hoje se reconhece o direito do docente a ocupar um posto ativo não centralizador no fato educativo, de maneira que não se concebe a educação sem o educador e o educando, porque ela é, em todos os casos, uma relação, uma atividade fundamentalmente social e criadora de vínculos.

O vínculo que se produz nesta relação se vê influenciado pelas características do meio social e institucional onde se produz tal vínculo; pelos interesses, atitudes e características dos estudantes e dos professores, e ademais pelas próprias características e complexidades do conhecimento que se está ensinando. Em suma, poderíamos dizer que a docência se vê afetada pelo momento histórico em que se desenvolve. A origem da profissão docente como seu exercício na sociedade, foi concebida tradicionalmente por muitas gerações e em muitos países como a prática de um apostolado.

Conceber assim a docência não permite ver com clareza o papel do docente e ir a uma reflexão profunda e ampla sobre a mesma. Para nós, transcendendo o tempo em que recebemos educação, ambas as atividades são indissolúveis onde o docente exerce o trabalho profissional e onde nesse exercício se constrói.

Constrói-se cotidianamente através das inter-relações que se sucedem na sala de aula, na escola e na sociedade. Sob esta premissa podemos afirmar que o docente não nasce, nem se faz, senão se constrói; constrói-se na cotidianidade de seu trabalho social, na cotidianidade do trabalho áulico; o docente e o estudante constroem o projeto docente através da relação vinculada.

É na sala de aula onde o docente recebe um grande intercâmbio de ações físicas e afetivas de seus alunos que lhe resultam contínuas, inevitáveis e irrepetíveis mas que se incorporam a sua experiência e o convertem num ente ativo na condução da aprendizagem. A sala de aula é o âmbito natural onde o professor se realiza ou se aliena, ainda que com freqüência as representações que tem a

sociedade do trabalho do docente não correspondem às que constitui o trabalho real na sala de aula, e disto vem toda uma série de falsas expectativas e valorações irreais para o trabalho do docente.

Para qualquer docente que exerça seu afazer profissionalmente, o trabalho na sala de aula não se circunscreve a uma atividade já dada e determinada por um território de quatro paredes; sua ação transcende na formação de profissionais que transformados na sala de aula, transformem à sociedade em que se desenvolvem e que a capacitação que recebem como seres humanos, não só seja para ver a vida, senão para o exercício profissional na vida, para a difusão e prática da teoria escolar e como depoimento integral da sociedade à qual pertencem.

Para isto, o docente não pode estar alheio às situações históricas específicas de seu país e de seu meio que impactem sua prática docente; revoluções, guerrilhas, processos políticos, inflação econômica, salários, sindicatos, marginalização, etc.

A adaptação mecânica no processo docente do aluno e do mestre significa o reducionismo do complexo e rico processo de ensinar e aprender e a ausência da realidade social na prática docente. É aqui onde o docente deve praticar a reflexão pessoal e responsabilidade no respeito e na verdade.

Reconhecer que o trabalho docente é exercido por sujeitos concretos, possuidores de uma história e influenciados por sua época bem como pelo momento no qual vivem, leva-nos a uma nova proposta onde se reconhece ao docente, a reconhecer que é na docência onde se constrói e recebe as particularidades da instituição onde se desempenha, desta maneira cada faculdade ou universidade tem os docentes e alunos que merece.

Em todo momento o vínculo o estabelece a totalidade da pessoa em constante processo de evolução, pelo qual, o aluno em sua formação educativa, nunca expressará um tipo único de vínculo senão o emprego em forma simultânea de diferentes estruturas vinculares; resumindo se pode afirmar, que existem muitas maneiras de relacionar-se, isto é, existem muitos tipos de vínculo.

A literatura em torno dos enfoques, prioridades, organização e estrutura do aperfeiçoamento contínuo ou em serviço dos agentes educativos, tendo em vista que sua ação seja mais efetiva, eficaz e eficiente, é ampla e foi longamente analisada e discutida, nas últimas décadas, à luz das necessidades e dos

imperativos sociais de diversos tipos. Isto, porque em todo processo de reforma de mudança ou de renovação na educação, os docentes desempenham um papel protagonista, considerando-se os promotores ou inibidores de tais processos de transformação.

21. CONCLUSÃO

De acordo com Delors (2003), o processo educacional tem o propósito de preparar o indivíduo, seja ele um homem do campo ou do meio urbano, simples ou complexo, de conseguir agir apropriadamente, com sensatez e convicção, aos desafios que a vida lhe apresentar, seja na vida profissional ou pessoal, tornando-se produtor de soluções, resultados e significações de seu espaço na construção da cultura.

Diante do problema apontado, trabalhou-se com as hipóteses de que a formação do docente universitário está condicionada à sua situação social, que (com frequência) é a mesma de seus alunos, diante da qual ambos não vêem perspectivas otimistas de mudança.

Assim, os docentes universitários precisam adquirir habilidades e conhecimentos próprias do crescimento pessoal, dedicando uma maior atenção a suas etapas de vida e aprimorando suas ações para conquista da empatia de seus alunos. Cultivar ações e espaços delimitados de forma clara em seus planejamento, de forma que propiciem o desenvolvimento das esferas afetivas dos discentes.

Com as mudanças que ocorreram no final do século XX, é importante que a profissão docente abandone a concepção de mera transmissão de conhecimento acadêmico, educando realmente na vida e para vida, superando as desigualdades sociais, os enfoques tecnológicos, funcionalistas e burocratizantes, aproximando do seu caráter mais relacional. Onde a instituição deixa de ser apenas um lugar que ocorre uma transmissão de conhecimento acabado e formal, e passa a ser um lugar onde se reproduza conhecimento dominante ensinando o mundo e todas as suas manifestações.

Se esta educação se torna mais complexa, o mesmo acontece com a profissão docente, mudando radicalmente as estruturas científicas, sociais e educativas que dão apoio e sentido ao caráter institucional do sistema educativo. Para que isso ocorra é preciso que se reestruture as instituições educativas alcançando uma educação mais democrática dos futuros cidadãos através de um conhecimento em construção e não imutável para que a educação de aproximasse mais dos aspectos éticos, coletivos, comunicativos, comportamentais e emocionais.

As capacidades de aprendizagem precisam ser desenvolvidas pelos docentes, bem como as da relação, cultura, convivência, interação em grupo e

contexto para com a comunidade, envolvendo ações de educação, uma vez que a atividade docente pressupõe a participação na emancipação do indivíduo.

Dentro de uma sociedade moderna e democrática é fundamental que se formem docentes universitários dentro do espírito da mudança e para a mudança através do aprimoramento das capacidades reflexivas em grupo, estimulando a autonomia profissional compartilhada, uma vez que o propósito da educação é que os indivíduos sejam menos dependentes e mais livres do poder político, social e econômico. Desta forma, a instituição de ensino precisa ser a propulsora da profissionalização docente e da inovação.

O conhecimento pedagógico especializado se autentica na prática por meio dos processos de transmissão, através de características específicas como a complexidade, a acessibilidade, a observabilidade e a utilidade social, já que um fator importante na capacitação profissional é a atitude do docente planejar sua tarefa baseando-se em estabelecer estratégias de pensamento, de percepção, de estímulos e centrar na tomada de decisões processando, sistematizando e comunicando as informações, como um facilitador de aprendizagem, como um prático reflexivo, capaz de provocar a cooperação e participação dos alunos.

Para a formação permanente do professor é importante que ocorra uma reflexão dos alunos sobre a prática docente, examinando suas teorias implícitas, seus esquemas de funcionamento, suas atitudes, dentre outros, realizando um processo de auto-avaliação constante que oriente seu trabalho. Esta formação consiste em descobrir, organizar, fundamentar, revisar e construir a teoria, removendo todo o sentido pedagógico comum, recompondo o equilíbrio entre os esquemas práticos predominantes e os teóricos que o sustentam. Propondo assim um processo que proporcione conhecimentos, habilidades e atitudes para criar profissionais reflexivos ou investigadores.

É preciso revisar criticamente os conteúdos e os processos de formação permanente do docente para que gerem um conhecimento profissional ativo e não passivo, e não dependente de um conhecimento externo nem subordinado a ele.

Esse processo de fixação do conhecimento teórico que apóia na prática educativa é o que pode favorecer uma melhor interpretação do ensino e da aprendizagem, e a aquisição de maior autonomia profissional. Pois o conhecimento

do docente não pode ser desvinculado da relação entre teoria e prática, nem de sua função de analista de problemas morais, éticos, sociais e políticos da educação.

Portanto o contato da educação com a prática educativa faz com que o conhecimento profissional se enriqueça em outros âmbitos, como por exemplo, moral e ético, permitindo que se fomente a análise e a reflexão sobre a prática educativa, tentando uma recomposição deliberativa dos esquemas, concepções e crenças que o conhecimento pedagógico tem sobre o ensino e a aprendizagem.

Este estudo buscou fundamentos teóricos nestes debates que apontassem razões pelas quais o docente universitário, em geral, não tem boa formação acadêmica e, quase sempre, não está disposta a investir na sua formação. Este constituiu-se no problema proposto para o trabalho de pesquisa. E este docente foi o enfoque principal de nossas análises e reflexões, ainda que o estudo tenha tratado, em alguns momentos, da formação do docente, em geral.

Diante deste problema apontado, trabalhou-se com as hipóteses de que a formação do docente universitário está condicionada à sua situação social, que (com freqüência) é a mesma de seus alunos, diante da qual ambos não vêm perspectivas otimistas de mudança.

Procurou-se discutir de forma teórica os fatores ligados à formação acadêmica do docente universitário e sua influência e papel na sociedade contemporânea, assim como também foram observados os aspectos pedagógico-afetivos, técnico-cognitivos e políticos adquiridos por este docente no decorrer de sua formação acadêmica e efeito de seus conhecimentos na vida de seus alunos, tendo por base a rotina de sala de aula.

De forma breve, devido nossas condições de tempo e de trabalho, (apesar de considerar este aspecto mercadológico da formação de docente um objeto urgente de estudos), discutiu-se tipos de pressões pelas quais o docente tem passado para investir em sua própria formação; bem como, entraves que dificultam este investimento, quando o docente deseja fazê-lo. A importância deste estudo acaba se justificando, principalmente pela necessidade que se verifica, hoje, de se repensar o papel e a influência social (ou sua falta de função e de influência) do atual profissional da educação. Assim como sua necessidade de estar em constante formação, sempre se aprimorando e buscando meios que o incentivem ser ator das mudanças demandadas pelo mundo contemporâneo e não apenas reflexo delas.

Apesar de todas estas limitações, e exatamente por causa delas, é que este trabalho procurou analisar teoricamente como deverá ser pensada e repensada a função do docente e sua influência social neste momento histórico.

Conclui-se que a docência configura numa atividade suma importância para a construção de sujeito crítico e responsável. No entanto, a docência no ensino superior inserida no contexto atual necessita ser repensada, culminando com a reformulação curricular dos cursos de formação de docentes. Enfatizamos o papel da pesquisa para docência, visto que contribui para o processo de ensino aprendizagem.

As Faculdades e Universidades são um ambiente de aprendizado e preparo para os futuros profissionais. É importante que ela incentive sempre a formação continuada dos docentes, a fim de terem uma didática motivadora para o aprendizado do seu alunado.

O docente tem que está preparado a levar os conhecimentos de forma atrativa e incentivando o aluno a pensar, criar e participar de forma ativa nas aulas, estimulando a prática do ensino, pesquisa e extensão no seu dia-dia. A qualidade da educação superior depende de todos que ela compõe, principalmente dos docentes e alunos.

22. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Jane Rangel Alves. **Didática do ensino superior**. 2ª ed. Ed. Curitiba: IESDE: Brasil, 2011

BARBOSA, Jane Rangel Alves. **Didática do ensino superior**. Ed. Curitiba: IESDE Brasil, 2009.

BARROS, Ricardo. P., HENRIQUES, R.; MENDONÇA, R. A Estabilidade inaceitável: Desigualdade e Pobreza no Brasil. In: HENRIQUES, R. **Desigualdade e Pobreza no Brasil**. R.J. IPEA, 2010.

BONAT, Debora. **Didática do ensino superior**. 3ª ed. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2010.

BROILO, Cecília Luiza. **(Con)formando o trabalho docente**: a ação pedagógica na universidade – UNISINOS. GT: Didática / n.04, 2006.

CAMPOS, Ir. Márcio da Silva. **A Pedagogia Cavanis e a formação integral do homem**. Trabalho de Conclusão de Curso – Instituto Mater Eclésia, Ponta Grossa, 2004.

COHN, Amélia. A questão social no Brasil: a difícil construção da cidadania. In: MOTA, Carlos Guilherme. **A experiência brasileira**: a grande transição. São Paulo, Senac, 2010.

CUNHA, Maria Isabel da (org). **Reflexões e práticas em pedagogia universitária**. Campinas, SP: Ed. Papirus, 2007.

DAMIS, Olga Teixeira. Didática: Suas relações, seus pressupostos. In: VEIGA, Ilma Passos FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1997.

DELORS, Jacques (Coord.). Os quatro pilares da educação. In: **Educação**: um tesouro a descobrir. São Paulo: Ed. Cortezo. p. 89-102.

DELORS, Jacques. **Educação: Um tesouro a Descobrir: Relatório para a comissão internacional sobre educação para o século XXI.** 8ª ed. São Paulo. Ed. Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2003.

_____, Jacques. **Biografia.** Wikipédia. Disponível em:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Jacques_delors>. Acesso em: 01 abr. 2008.!

_____, Jacques. **Os quatro Pilares da Educação.** Wikipédia. Disponível em:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Quatro_Pilares_da_Educa%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 01 abr. 2008.

FAZENDA, Ivani C. A. (org). **Didática e interdisciplinaridade.** 13ª ed. Campinas, SP: Ed. Papirus, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos para que?.** São Paulo: Ed. Cortez, 2002.

LIBANIO, J. B. **A arte de formar-se.** 3ª ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2002.

LUCK, Heloísa. **Pedagogia Interdisciplinar: fundamentos teóricos – metodológicos.** 14. ed. Petrópolis: Ed. Vozes. 2007.

MELO, Alessandro de; URBANETZ, Sandra Terezinha. **Fundamentos da Didática.** Curitiba: Ed. Ibpex, 2008.

MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** Campinas, SP: Ed. Papirus, 2000.

MOURA, Tânia Maria de Melo. **Metodologia do ensino superior: saberes e fazeres da/para a prática docente.** 2ª ed. rev. Maceió: Ed. Edufal, 2009.

MULLER, Claudia Cristina. **EAD nas organizações.** Curitiba, PR: IESDE, 2012.

PERONI, Vitor. **Política educacional e papel do estado: no Brasil dos anos 90.** São Paulo: Ed. Xamã, 2003.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargo. **Docência no ensino superior.** 3ª ed. São Paulo: Ed. Cortez, 2008. (Coleção Docência em formação)

RAMOS, Kátia Maria da Cruz. **Reconfigurar a profissionalidade docente universitária**: um olhar sobre ações de atualização pedagógica-didática. Porto: Universidade do Porto, 2010

ROCHA FILHO, João Bernardes da. **Transdisciplinariedade**: a natureza íntima da Educação Científica. Porto Alegre: Ed. Edipucrs, 2007.

SANT ANA, Edvaldo. **Os quatro pilares da educação e formação do sujeito em Jacques Delors**. 17 set. 2012. Disponível em:
<<http://www.recantodasletras.com.br/artigos/3886350>>. Acesso em: 8 mai. 2013.

TULLIO, Luiz Antonio Sovinski. **Infância e educação em Montaigne**. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade Católica de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

VALENTE, Geilsa Soraia Cavalcanti; VIANA, Ligia de Oliviera. **O ensino de nível superior no Brasil e as competências docentes**: um olhar reflexivo sobre esta prática. UESB, 2010. Disponível em:
<<http://periodicos.uesb.br/index.php/praxis/article/viewFile/434/461..>>. Acesso em: 8 mai. 2013.

VASCONCELOS, Maria Lúcia Marcondes Carvalho. **A formação do professor do ensino superior**. 2ª Ed. São Paulo: Ed. Pioneira, 2000.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (coord.). **Repensando a didática**. 26. Ed. Campinas, SP: Ed. Papyrus, 2008.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). **Técnicas de ensino**: novos tempos, novas configurações. Campinas, SP: Ed. Papyrus, 2005.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Didática um retrospectiva histórica. In: _____ (coord.). **Repensando a didática**. 4ª ed. São Paulo: Ed. Papyrus, 1990. P. 25-40

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Técnicas de ensino**: Por que não? 12. ed. Campinas, SP: Ed. Papyrus, 2001.